

O carnaval de Juazeiro nas páginas do *Diário da Região*

Adeilton Gonçalves da SILVA JÚNIOR¹

Raryana Wenethya de Souza CARDOSO²

Andréa Cristiana SANTOS³

Este artigo analisa como o carnaval de Juazeiro da Bahia foi abordado no período de 1972 até 2000 pelo *Diário da Região*, periódico semanal que circula desde a década de setenta até os dias atuais. No decorrer deste trabalho, abordaremos também a história, abrangência e estrutura do periódico. Foi utilizado como material de pesquisa e análise as edições referentes a quatro décadas: edição de nº 9 do dia 24 de fevereiro de 1974; nº 496, do dia 15 de fevereiro de 1984; nº 1304, do dia 21 de fevereiro de 1990 e a edição de nº 3308, do dia 29 de janeiro de 2000. Foi realizada entrevista com o proprietário do Diário da Região, Paganini Nobre Mota. O carnaval juazeirense é caracterizado pela animação que contagia os foliões, atraindo, todos os anos, participantes para o festejo, que vem se renovando tanto pela diversidade do público quanto pela mistura de gêneros musicais. Durante os anos setenta, as festividades carnavalescas reuniam a comunidade para assistir aos desfiles das escolas de samba e para participar de brincadeiras e festas de ruas. No entanto, ao analisar a cobertura jornalística do *Diário da Região*, foi possível identificar que o jornal abordava a festa de forma resumida, com notícias curtas e sucintas; com abordagem breve e superficial do carnaval, embora o festejo tenha sido considerado o quinto melhor do país na década de 1970. Comprovamos ainda que o periódico procurou dar um maior ênfase à festa popular a partir dos anos noventa, com a introdução de ritmos e gêneros musicais da axé music e da indústria fonográfica baiana.

Palavras-chave: Jornalismo impresso; carnaval; imprensa local; festejos; Diário da Região.

¹ Estudante de graduação do 3º semestre do curso de Comunicação Social Jornalismo em Multimeios. E-mail: ags.junior01@gmail.com

² Estudante do 3º semestre do curso de Comunicação Social Jornalismo em Multimeios. E-mail: raryanawenethya@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo em Multimeios, Departamento de Ciências Humanas. E-mail: andcsantos@uneb.br

Ao documentar fatos, acontecimentos históricos e do cotidiano o jornal se torna um poderoso instrumento de registro e documentação da sociedade em determinado contexto, porém não deve ser valorizado apenas por trazer em suas páginas notícias, mas por estarem impregnadas por memórias, costumes e características de uma sociedade que talvez não exista mais. Desta forma, o jornalismo pode ser utilizado no presente como material de estudo para a descoberta de como ocorreram algumas mudanças de comportamento na sociedade atual.

Contando com a possibilidade de reconstrução dos acontecimentos, viabilizada pelos jornais, procuramos entender a trajetória do carnaval de Juazeiro-BA, tomando como base o acervo do jornal *Diário da Região*³. Para tanto, faz-se a análise de conteúdo de quatro edições do periódico, cada uma correspondente a uma década⁴, uma vez que o jornal tem 39 anos de circulação na região. Nessa análise, foram observados características das mensagens, aspectos da linguagem jornalística e de outros elementos como inserção da fotografia e da publicidade na perspectiva de uma história da imprensa. Também foi realizada uma entrevista com o proprietário do *Diário da Região*, Paganini Nobre Mota, para saber aspectos da fundação do jornal.

Na realização deste artigo, fizemos uma análise em três partes. A primeira parte se propõe a trazer aspectos da trajetória do jornal; depois, é analisado como o carnaval aparece nos jornais brasileiros; e a última parte se detém a fazer a análise do *corpus* sobre o carnaval em Juazeiro-Ba.

Do primeiro jornal ao *Diário da Região*

A história da imprensa na cidade de Juazeiro teve seu início, com a compra da primeira tipografia por Raimundo de Azevedo, em 1885, que teve a intenção de realizar a impressão do jornal *A cidade de Juazeiro*. Para tal feito, ele contou com a ajuda de Clóvis de Oliveira Mudo, para tornar viável a edição e a impressão do jornal. Clóvis de Oliveira, por sua vez, contratou o redator Atanázio Aquino Nazareno e lançou *O Sertanejo*, dez anos depois.

³ Para fins de registro, este artigo teve a sua primeira versão realizada como atividade do componente História da Comunicação, desenvolvido no semestre 2011.1.

⁴ Foram selecionadas as edições de nº 9 do dia 24 de fevereiro de 1974; nº 496, do dia 15 de fevereiro de 1984; nº 1304, do dia 21 de fevereiro de 1990 e a edição de nº 3308, do dia 29 de janeiro de 2000

O lançamento não teve boa receptividade por parte de Azevedo, que deu ordem para recolher e queimar os exemplares. Clóvis acabou sendo demitido, mas tornou-se o pioneiro na imprensa na cidade de Juazeiro – BA. Depois do ocorrido, Raimundo de Azevedo confiou a José Petitinga a edição do jornal *Cidade de Juazeiro*, cujo semanário circulou no ano de 1896 e durou apenas um ano (AMARAL, SANTANA & SANTOS, 2010).

Ao longo das décadas, irão surgir diversos jornais feitos por tipógrafos e outros comunicadores, seja pertencente à pequena imprensa, com caráter artesanal, humorístico, aos jornais com uma estrutura maior. Registre-se na década de 1970, o *Caminhar Juntos*, criado pela diocese de Juazeiro, que tinha caráter social e divulgava ações das comunidades eclesiais de base, ao *O Berro D'Água*, primeiro jornal assinado pelo jornalista Marcelino Ribeiro. Este periódico tinha vertente crítica “adotava um jornalismo mais interpretativo, não apenas informativo, tinha caráter humorístico, charges, ilustrações e as abordagens políticas de natureza contestatória lhes renderam status de jornal alternativo” (SANTOS, 2011).

Na década de 1970, um grupo de jovens que, ainda no colegial buscavam uma maneira de contribuir para o desenvolvimento da cidade, teve a idéia de criar um jornal. A ideia dos jovens se consolidou em meio aos movimentos sociais e culturais ocorridos no contexto da ditadura civil militar em Salvador-Ba, onde os estudantes cursavam nível superior, e participavam da Associação dos Universitários de Juazeiro (AUJ).

Esse grupo tinha entre seus integrantes Paganini Nobre Mota, que se formou em Medicina; Jorge Khoury; em Engenharia Civil; e Flávio Luiz Ribeiro, em Engenharia Civil. Depois de formados, decidiram então concretizar os planos que idealizaram no ensino médio e fundaram o jornal *Renovação e Integração do Vale do São Francisco* (RIVALE).

Em coluna na primeira edição do *Rivale*, de 19 de março de 1972, Ermi Ferrari afirma que o jornal nascia para “nossa Juazeiro, a fim de que possa ter uma voz para reivindicar, aplaudir e também reclamar saindo do silêncio em que vive”. O nome do jornal foi escolhido pela população através de um concurso veiculado na *Rádio Juazeiro*. Paganini era o diretor presidente e os demais ficavam responsáveis por conseguir recursos financeiros para prover o jornal. Um ano depois, a parceria entre os três sócios foi desfeita. E o *RIVALE* passou a ser editado apenas por Jorge Khoury e Flávio Luiz.

Paganini lembra que, por sugestão do major Laurino Queiroz, ex-deputado estadual, solicitou a reedição do jornal *Tribuna do Povo*, que tinha deixado de circular em dezembro de 1964, devido ao proprietário Jorge Gomes, vereador cassado pelo regime militar, ter sido preso e acusado de praticar atividades subversivas e de comunismo durante a tomada do poder pelos militares em 1964. O jornal chegou a ser reeditado novamente, mas veio a fechar em 1969. Paganini conseguiu a autorização para reeditar a *Tribuna do Povo* que, em dezembro de 1972, se tornou concorrente direto do *RIVALE*.

Apesar de existirem apenas dois jornais na cidade, os leitores iam às bancas e pediam o jornal de Juazeiro. Os donos das bancas de revistas, por terem afinidade com ambos os donos dos jornais, se encontravam em situação constrangedora. Por esse motivo e por uma típica jogada de marketing, Paganini mudou o título “Tribuna do Povo” para “Jornal de Juazeiro”. Em editorial, contudo, atribui a mudança de título do periódico à nova linha editorial da empresa, desvinculando-se de qualquer referência ao antigo jornal, cuja propriedade era de outro profissional da imprensa:

Por motivos particulares e imprescindíveis mudamos o nome do nosso semanário. O título TRIBUNA DO POVO não era de nossa propriedade – pertence ao Sr. Jorge de Souza Gomes – e como fazemos questão de assumir inteira responsabilidade por nossos atos, achamos por bem isentá-lo de qualquer responsabilidade perante os artigos e conceitos que emitimos (JORNAL DE JUAZEIRO, 22/12/1973).

Com a regionalização do jornal, que seria distribuído no entorno da cidade baiana de Juazeiro, é acrescentado ao título do semanário a frase: Diário da Região. Considerando que poderia não ser bem receptivo um jornal com título de *Jornal de Juazeiro* sendo veiculado em outras cidades, como Casa Nova, Curaçá, Feira de Santana, Salvador, Petrolina-PE e outros, durante o discurso de comemoração dos 15 anos do jornal, Paganini comunicou que o periódico passaria a circular diariamente com o nome de “Diário da Região”.

O *Diário da Região* sofreu diversas modificações estéticas e editoriais referente aos diversos jornalistas que trabalharam no periódico, no entanto mantinha o foco voltado para notícias de natureza política, misérias e crimes, fato que gerava a má fama de “celeiro de misérias” e “jornal ensopado de sangue”. Em entrevista ao ser indagado

sobre essa linha editorial, o editor-chefe Paganini atribuiu aos jornalistas a responsabilidade pela veiculação de fotos de pessoas mortas na capa do periódico e, consecutivamente, a fama sensacionalista do jornal.

O periódico, ao longo dos 39 anos, se manteve como instrumento político da ação de Paganani Nobre Mota, que concorreu a cargos eletivos, e divulgou informações de interesse político, principalmente em contexto de campanhas eleitorais. Assim, é possível inferir que, algumas notícias veiculadas, reproduzam a visão da Teoria da Ação Política em que os *media* são instrumentos para reforçar a ideologia dominante (TRAQUINA, 2004).

O carnaval no impresso

No Rio de Janeiro, em meados do século XIX, a imprensa se encontrava num processo de modernização e expansão no mercado, fato que contribuiu para o barateamento do preço dos jornais, para a diversificação gráfica e para o aumento do número de páginas das edições, disponibilizando ao jornal um espaço para entretenimento, se tornando assim um veículo informativo também destinado ao lazer.

Assim como a imprensa ia se modernizando, o carnaval também ia se transformando, permitindo, através da imprensa, a presença da cultura popular no espaço público da camada elitista burguesa. Essa transformação se deu a partir da intenção dos grupos dominantes de acabar com o caráter tido como “subversivo” e “marginal” existente nas festas carnavalescas do “populacho”, na tentativa de extinguir as brincadeiras arcaicas e de mau gosto que constituíam e caracterizavam o Entrudo (COUTINHO, 2006).

No momento em que o carnaval, considerado rústico pela burguesia, alcançava o seu declínio, o carnaval moderno surgia com moldes da cultura européia, incorporando formas que se acomodava aos usos estrangeiros, com moldes mais adornados como a presença dos bailes mascarados. Segundo o estudioso da relação carnaval e imprensa, Eduardo Granja Coutinho (2006), a imprensa desempenhou um papel importante para configurar a nova modelagem da festividade e na incorporação do carnaval à construção de uma nacionalidade popular.

A história da imprensa e a do carnaval se entrelaçava, tornando-os mais próximos, atingindo um número cada vez mais significativo de seguidores, possibilitando o surgimento das crônicas carnavalescas, tidas como principais atrativos dos jornais. Essas crônicas surgiram na virada do século e destinava-se inicialmente ao carnaval das elites. Possuíam linguagem cômica, influenciado pelos jornais carnavalescos dos grandes clubes.

Segundo Coutinho (2006), os cronistas que compunham a imprensa carioca eram jornalistas boêmios e de classe proletária, que embora servissem a elite burguesa, contribuíram a favor do ideal libertário em busca da inclusão e integração do setor marginalizado da sociedade, tornado a cultura popular integrante no processo de massificação. Dentre os cronistas que mais se destacaram se encontram: João Ferreira Gomes, conhecido como Jota Efegê, José Veríssimo e Francisco Guimarães, conhecido Vagalume.

A imprensa procurou enfatizar as atividades das grandes sociedades carnavalescas cariocas que surgiam em clubes como Tenentes do Diabo (1855), Democratas (1867) e Fenianos (1869). Cada clube tinha uma publicação oficial, além de jornais ligados a grupos internos que circulavam pelos bailes pré-carnavalescos. Essas publicações, de características peculiares, continham inovações literárias como a presença de pufes, que traduzido do inglês significa assoprar. Os pufes eram textos que se caracterizavam por serem exagerados. Eram utilizados pelos grandes clubes para descrever os seus bailes e satirizar os clubes rivais. A função dos pufes era instigar os foliões, os convidando a participar dos festejos (COUTINHO, 2006).

Os pufes foram conquistando espaço nas edições jornalísticas, que viam nesses textos literários uma novidade capaz de atrair novos públicos. Um dos primeiros jornais que aderiram as crônicas carnavalescas foi a *Gazeta de Notícias*, criado em 1874 por Ferreira de Araújo. Era um jornal barato, popular e liberal que vivia de publicidade, e passou a perceber no folião mercadológico uma nova maneira de conseguir lucros e aumentar a circulação no meio social ganhando uma maior quantidade de leitores.

Após a iniciativa da *Gazeta de Notícias* em abrir suas páginas a folia, outros jornais fizeram o mesmo, acrescentando inovações como colunas especializadas em Carnaval. A imprensa teve um papel decisivo na história do carnaval, pois foi a partir de suas publicações e divulgações que o carnaval ganhou espaço no meio público se nacionalizando e se tornando uma paixão popular (COUTINHO, 2006).

O carnaval de Juazeiro nas páginas do Diário da Região

O carnaval é a festa popular mais animada do país, de origem européia que chegou ao Brasil no século XVII, realizada uma vez ao ano, no período que antecede a quaresma, momento litúrgico que a Igreja marca para a remissão de pecados. Portanto, a antecipação desse período permite liberdades e excessos.

É em meio a carros alegóricos puxados por animais, fantasias feitas de papel crepom e brincadeiras de jogar água nas pessoas, conhecida como “O Entrudo”, que se iniciam, em meados do século XIX, as comemorações do carnaval em Juazeiro – BA.



Foto do Acervo M^o Franca Pires

Os festejos nas cidades de Salvador e do Rio de Janeiro influenciaram na criação de alguns grupos em Juazeiro, como os Caretas e/ou Matraqueiros. Logo depois, foram criados os clubes carnavalescos na cidade, com seus bailes, associações e sede própria.

Entre as associações de maior destaque na cidade estavam a Sociedade Filarmônica 28 de Setembro fundado em 1897, a Sociedade Filarmônica Apolo Juazeirense fundada em 1901, a Sociedade Beneficente dos Artífices Juazeirenses fundada em 1928 e o São Francisco Country Club fundado em 1966 (CUNHA, 1978).

Em 1910, um grupo de foliões formou “Os Valetes do Povo”, primeiro clube carnavalesco da cidade. Logo após, as associações filarmônicas 28 de Setembro e a Apolo fundaram os clubes carnavalescos “Os embaixadores de Veneza” e “Os Filhos do Sol” respectivamente, vindo a ser os grupos carnavalescos de maior rivalidade que deram ao carnaval da cidade a magia e elegância dos seus inesquecíveis bailes. Quem

não quisesse participar dos bailes nos clubes, tinha a opção de pular o carnaval nas ruas, ao som de caixas de som instaladas em postes nas ruas 28 de Setembro e d'Apolo.

A partir da década de 1970, os tradicionais carnavais juazeirenses deixaram de existir, dando lugar aos trios elétricos que arrastam milhares de foliões com seus abadás pela avenida da folia (COSTA, 2011). Uma festa que vem se renovando, possibilitando ao carnaval um tom diferente a cada ano, tanto pela diversidade do público quanto pela mistura de gêneros musicais.

Considerado na década de 1970, como o 5º melhor do país, o carnaval de Juazeiro foi caracterizado pela animação que contagiava os foliões, atraindo todos os anos adeptos participantes desta grande festa. Nesse clima de atrair foliões para festa, o *Jornal de Juazeiro* lançou, na edição nº 9 do dia 24 de fevereiro de 1974, uma nota referente ao carnaval com o título “Juazeiro no embalo do carnaval”.



Jornal de Juazeiro, 24 de fevereiro de 1974, edição nº9. Acervo Diário da Região.

A nota acima informava que a cidade estava sendo preparada pela Prefeitura de Juazeiro para receber foliões de diferentes lugares do país. E que a principal via do carnaval, a Rua do Apolo, havia sido decorada com esmero pela Secretaria de Turismo da prefeitura, que ordenou ao público “Sambe ou se Mande”, instigando as pessoas de diversas classes sociais a comparecerem e participarem da festa, considerada na época o 5º melhor carnaval do Brasil. O texto também chama a atenção para o desfile das tradicionais escolas de samba.

Quando passa a CACUMBU, o coração balança. Quando passa a S. Francisco, a Voz do Morro, todo mundo sacode a pança. Pena que este ano o Mato Grosso, o Dendê, não estejam entre nós, para assistirem o maior carnaval de todos os tempos em Juazeiro.” (JORNAL DE JUAZEIRO, 24/02/1974)

Embora, tenha sido considerado o quinto melhor carnaval do país, o jornal trouxe uma notícia resumida, explanando superficialmente sobre algumas escolas de samba, sem abordar quem compunha as agremiações e não trazia registro fotográfico.

Uma década depois, em 15 de fevereiro de 1984, o jornal trouxe, na edição de nº 496, três notícias sobre o carnaval. Com o título “Sociedade Apolo prepara carnaval”, a primeira notícia afirma que o carnaval da Sociedade Apolo tem sido o mais animado de Juazeiro e que, neste ano, segundo José Bento Neto, diretor da Sociedade, contaria com a presença da Orquestra de Amado e seus Xeques Mates, para abrilhantar as noites de baile que aconteceriam durante os dias 2 a 6 de março. O texto informa também uma tabela de preços para a venda de ingressos, que variava conforme a quantidade de dias e de pessoas que vão participar e de acordo com o gênero, sendo que mulheres pagavam ingresso com preço mais barato. Nesta notícia, observa que já havia sido introduzida a declaração de uma fonte, o que comprova mudança relacionada às técnicas jornalísticas.

A segunda com característica de coluna de notas trazia o título “Flagrantes”. A coluna faz breves comentários sobre temas e pessoas que estão relacionadas ao carnaval, como preparativos de decorações de ruas e da sociedade 28 de Setembro, realizado pelo figurinista e decorador Hugo Anarvato, a abertura dos salões da sociedade 28 de Setembro para o II Baile de fantasias, e outras informações.

A terceira e última notícia com o título “Coisas do Carnaval” também é composta por breves comentários e traz informações sobre prévias carnavalescas, com show de bandas e músicos locais, decorações dos clubes e sociedades, desfiles de fantasias e informações de preços dos ingressos para os bailes da Sociedade 28 de Setembro.

Não muito diferente da década de 1970, durante os anos 1980, o *Jornal de Juazeiro* ainda explorava o carnaval com pouca profundidade, embora o número de notícias tivesse aumentado, e também já é possível observar a presença da publicidade.

No ano de 1990, na edição de nº 1304, de 21 de fevereiro, o periódico, agora com o título *Diário da Região*, apresentava em suas páginas várias notas sobre o carnaval. Uma delas foi a escolha da Musa Verão 90, Maria Lúcia da Silva Cruz, para ser a rainha do carnaval; outras notas enfatizavam os bailes carnavalescos realizados em

clubes, como o São Francisco Country Clube e o Clube dos Cabos e Soldados, que faziam preparativos para receber os foliões.



Jornal de Juazeiro, 21 de fevereiro de 1990, nº 1304. Acervo Diário da Região.

Nos anos 1990, é notória a mudança na linha editorial do *Diário da Região*, o jornal passava a abordar o carnaval com maior ênfase, há um número significativo de notícias e reportagens, fotografias e a presença maciça da publicidade que girava em torno da festa.

No ano 2000, na edição nº 3308 de 29 de janeiro, o jornal traz uma matéria, que é destaque na capa, sobre as atrações do carnaval, já conhecido como Juá Fest. No texto, o periódico informa que Rivadávio Espínola Ramos, prefeito na época, anunciava as atrações que foram contratadas pela prefeitura municipal para fazer a alegria do folião, além da contratação de trios elétricos. Na notícia, identifica-se que a festa receberia transmissão pela TV Norte, hoje TV São Francisco.



Jornal de Juazeiro, 29 de Janeiro de 2000, nº 3308. Acervo Diário da Região.

Neste período, o carnaval recebeu um tratamento digno de rei, matéria de capa, páginas e páginas exaltavam o carnaval, e as fotos da festa popular ilustravam o jornal. A publicidade estava presente, também havia notícias da tabela de preços dos abadas até de diárias em hotéis da região.

Considerações Finais

Durante a década de 70 em pleno auge das festividades carnavalescas em Juazeiro, sendo a maior manifestação popular onde toda a sociedade se encontrava engajada seja nos preparativos ou apenas em participações nas brincadeiras, o jornal abordava superficialmente a festa nesta época.

Tendo em vista a dimensão do carnaval é comum encontrar nas páginas notícias curtas e sucintas a respeito da festa na década de setenta. As notícias eram pequenas e faziam uma abordagem breve e superficial do carnaval não destacando aspectos importantes, visto que, nessa mesma década, o carnaval juazeirense foi considerado o 5º melhor carnaval do Brasil, sendo noticiados aspectos da decoração.

O jornal manteve esse posicionamento em toda a década de setenta e oitenta do século passado. Em entrevista o Diretor Chefe do Diário da Região, foi questionado a respeito da sua orientação religiosa, o protestantismo, e se isso interferiu na veiculação sobre o festejo. Paganini afirmou que, independente do seu posicionamento religioso, o jornal é um instrumento de registro, um documento, e que todos os eventos populares que ocorram na cidade são noticiados.

Já nas décadas de noventa (1990) e anos dois mil (2000), o *Diário da Região* passava a dar um maior enfoque na festa popular, matérias de capa, páginas e mais páginas que falam da riqueza e beleza da festa. O periódico destaca os clubes, desfiles, coroação de rei, rainha do carnaval e progressivamente os artistas da indústria fonográfica, particularmente da “Axé music”.

Portanto, é importante salientar que, no decorrer dos anos, o carnaval veio se modificando, as fantasias deram lugar para os abadas; os carros alegóricos aos trios elétricos; as marchinhas à mistura de ritmos musicais como os afoxés, frevos, guitarras elétricas; mudança das datas que anteriormente seguiam o calendário católico, vindo a ser classificado de Carnaval antecipado ou fora de época e outros. A mudança foi percebida por todos e desagradou a alguns leitores. Em artigo de opinião, o leitor do *Diário da Região*, Rogério Leal Rodrigues lembrava com saudade os antigos carnavais e tecia críticas às mudanças ocorridas na festa popular.

A música ‘baiana’ conseguiu deixar o carnaval sem cara de carnaval. A festa não difere das demais que acontecem durante o ano, a não ser por prolongar-se por mais dias. O que se toca é o que se ouve no rádio o ano todo, em todos os shows que se vá. (JORNAL DE JUAZEIRO, 21/01/1990).

A partir da declaração do leitor e das mudanças percebidas, identificou-se que a relação a partir da década de 1990 entre o jornal e o carnaval vem a ser comercial, uma vez que as matérias têm maior visibilidade e os contratos de publicidade estavam em grande maioria ligados à festa. A festa ganhou um caráter comercial, visando estimular a movimentação econômica e turística na região.

As publicidades estavam ligadas a compra de abadás, ingressos para festas em clubes, além de hospedagens em hotéis. Pode-se concluir com isso que o periódico juazeirense de circulação regional passou a dar maior enfoque em suas reportagens

sobre o carnaval, a partir do momento em que a festa popular passou a lhe dar um retorno financeiro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adzmara Rejane Palha. SANTANA, Daniel de Jesus. SANTOS, Andréa Cristiana. **Apontamentos sobre a história do jornalismo regional: estudo de caso sobre O Juazeiro**. Texto apresentado do Intercom Nordeste, 10 a 12 de junho de 2010, Campina Grande – PB.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. **Os súditos de Momo na República branca: cronistas e carnaval na imprensa carioca**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000300023, 06 de Outubro de 2011.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os cronistas de Momo – Imprensa e carnaval na primeira República**. Ed. UFRJ: Rio de Janeiro, 2006.

CUNHA, João Fernandes. **Memória Histórica de Juazeiro**. Juazeiro-Ba. Ed. Autor. Juazeiro-Ba. 1978.

COSTA, Rosy. **Recordar é viver**. Disponível em http://www.juazeiro.ba.gov.br/views/noticias_print.php?id=2289. Acesso em 14.09.2011.

SANTOS, Andréa Cristiana. **Mapeamento histórico dos profissionais da imprensa em Juazeiro-Ba**. Texto apresentado no Intercom Nordeste, 15 a 17 de Junho de 2011, Maceió-Alagoas.

SILVA JÚNIOR, Welington Dias e CRISPIM, Nívia. **Reconstruindo a história do Diário da Região**. Texto apresentado no componente História da Comunicação, no Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia. Mimeo, 2007.

Fonte Oral

Paganini Nobre Mota – Diretor chefe do Diário da Região, entrevista concedida aos autores em 29.08.2011

Periódicos

Acervo do Jornal Diário da Região

Jornal de Juazeiro: Edição nº 9 do dia 24 de fevereiro de 1974;

Jornal de Juazeiro: Edição nº 496, do dia 15 de fevereiro de 1984;

Diário da Região. Edição nº 1304, do dia 21 de fevereiro de 1990;

Diário da Região. Edição nº 3308, do dia 29 de janeiro de 2000.

Acervo Fundação Museu Regional do Vale do São Francisco

Rivale: Edição N 1, Ano I, de 13 de Março de 1972.

